

Literatura de Viagens e aprendizagem do *outro*

CARLOS F. VELASCO SOUTO

Universidade da Corunha

Resumo

Face a umha literatura de viagens relacionada com a expansom colonial europeia com visos de apropiaçom de realidades alheias, o nacionalismo galego do primeiro terço do século XX foi quem de avivecer um discurso alternativo focado na viagem como aprendizagem apartir do conhecimento intercultural.

Palavras chave

Viagem, conhecimento, alteridade, intercâmbio, aprendizagem.

1. Introduçom

Por mais que os relatos de viagens se remontem a épocas bem recuadas na história¹, é na época contemporânea que o género se afiança e desenvolve todas as suas potencialidades. Tem isto a ver, em grande medida, com a expansom do Império Britânico polo cercano e médio Oriente; daí o facto de umha boa parte dos seus cultivadores –do género, quero dizer– serem autores de língua inglesa, e daí também a atmosfera de exotismo e enlevo face a mundos desconhecidos a tingir muita dessa literatura, em concordância com a corrente romântica daquela em voga. Sem serem propriamente livros de viagens, embora sim resultado da atividade viageira, cabe mencionar como expoentes do antedito alguns escritos de Byron² ou o fascínio perante o passado muçulmano hispânico de um Washington Irving, plasmado nos seus *Relatos de la Alhambra* de 1832. Quanto à Galiza lembremos que contava, já na altura da segunda metade da década de 30, com o precedente sentado polo periplo de George Borrow, cujas impressoms sobre as nossas terras e gentes fôrom compiladas nom há muito num volume específico por Edicións Xerais (Borrow 1993).

Ora, quais os contributos desta literatura de viagens? O que é que ela achega no tocante ao conhecimento das paisagens, culturas e sociedades que descreve? Dir-se-ia que, antes de mais nada, subministra umha visom do *outro*, isto é, do alheio, do longínquo, do nom pertencente à própria cultura; do indígena, em suma, das latitudes agora descobertas à olhada do *occidental civilizado*. Contudo esta primeira achega nem sempre é forçosamente unifocal, pois existe também um efeito inverso à maneira de interaçom: o do redimensionamento da realidade própria apartir do contraste com a alheia, conduzente em última instância a umha mais acaída e assisada valorizaçom da cultura do que olha, ou seja, do viageiro.

Por outra parte é inegável o papel da literatura de viagens na difusom do conhecimento de outros países, outras sociedades e culturas, mália que nom raramente impregnado de umha certa prepotência por parte do viageiro-descritor ou viageiro-narrador. É este um aspeto em que paga a pena determo-nos um chisco, porquanto é consubstancial à própria atitude vital do representante do império –seja este qual for– em qualquer

¹ Pensemos, sem ir mais longe, na *Peregrinatio* da monja galaica Etéria (século IV) ou, algo mais recentes, o *Livro de Marco Polo* (s. XIV) e mais a *Embajada a Tamorlán* (1405) de Ruy González de Clavijo, embaixador este último do monarca castelhano Enrique III na córte de Tamerlán em Samarcanda.

² Nomeadamente, de: *Childe Harold's Pilgrimage* (1812), *The Corsair* (1814), *Lara* (1814) ou *The siege of Corinth* (1816).

época histórica. De tempo imemorial os grandes estados têm-se considerado e nominado a si próprios como o centro ou embigo do mundo, a respeito do qual todos os restantes povos som simples periferia submersa na barbárie. E o Império Britânico dos começos do século XIX nom ia ser, certamente, umha exceçom. Antes ao contrário, era divisa dos seus procônsoles e emissários «*fazer do mundo Inglaterra*»; tanto mais dos seus letrados profissionais ou de ocasiom, comissionados para contribuírem a umha feliz incorporaçom dos *barbari* às bondades da civilizaçom (ocidental capitalista, claro é). Por isso é que as suas descriçoms e retratos nom podem prescindir do preconceito característico do embandeirado da cultura *superior* face aos *atrasados* destinados à colonizaçom. E nom precisam fazer um grande esforço nisso; sai-lhes de natural enquanto que fator inerente à sua mentalidade e visom de mundo. Mas nem tudo é espontaneidade, olho, pois que ao cabo o exercício da viagem e a recolha tanto do visto quanto das experiências vividas procura, como fica dito, um objetivo mais ou menos explícito, que nom é outro que apreixar mediante o conhecimento visando umha mais doada e efetiva dominaçom. Viajar e conhecer, já que logo, nom para aprender, nom para se enriquecer na base do intercâmbio com o *outro* –por mais que este também acabe por se produzir nalgumha medida e inevitavelmente– mas para submeter³.

Quer isto dizer que toda a literatura de viagens se ache irremediavelmente marcada por este fado? Nom necessariamente. Estou apenas a assinalar umha tendência emoldurada num contexto concreto. E, por outra parte, temos de levar em conta a própria autonomia do discurso literário, a capacidade do escritor de inventar e recriar mundos sem sujeiçoms mecânicas à mentalidade dominante no seu país e na sua época. Um caso paradigmático é a este respeito o citado lord Byron quem, para além do génio literário, contava com a sua rebeldia face à ordem social social e sistema de valores do seu mundo de procedência na hora de valorizar as realidades *forâneas* que se ofereciam aos seus olhos, se bem que –temo-lo advertido já, e por desgraça para o que aqui nos interessa– a sua obra nom seja enquadrável dentro do que convencionalmente entendemos como literatura de viagens.

De resto cumpre assinalar que, ultrapassada essa fase inicial (imperial-decimonónica) do que poderíamos chamar *olhares sobre a periferia*, novas geraçoms de escritores

³ Outra cousa é que os destinatários da colonizaçom, quando resistentes a ela, podam deconstruir *a posteriori* esse discurso dominante mediante estratégias como a de *apropriaçom* do mesmo, consistente em que «non só non se rexeita a descriçom, senón que se adopta, incluíndo-a nun proceso de resemantizaçom baseado na inversiçom dos códigos valorativos» (López Sáñez 2008:70).

viriam-se debruçar sobre paisagens e sociedades alheias já desde umha perspectiva substancialmente diferente, quer dizer, nom assimiladora ou assobalhante apartir de visons imperiais de cariz eurocéntrico. Estou-me a referir a homens de profissom intelectual e fondas convicçõs poíticas vinculadas aos nacionalismos emergentes na Europa de entre-guerras que, como complemento à prática salutar do periplo polo interior dos seus respectivos países, tivérom a bem deslocar-se também a latitudes estrangeiras para melhor aquilatarem a realidade própria e verem de encontrar elos de ligação dela com a de países vizinhos ou protagonistas de aspiraçõs políticas similares. Entre eles há vários galegos e é a eles que vou dedicar a segunda parte desta intervençom.

Permita-se-me contudo, antes de o fazer, aventurar a hipótese de a literatura de viagens, considerada em todas as suas modalidades e com todas as suas limitaçõs, ter contribuído com toda a probabilidade à fixaçom dessa cartografia que, precisamente desde os começos do século XIX, acompanhou o processo –assimétrico e desigual– de interrelaçom das sociedades e mundializaçom da economia (López Sáñez 2008). Ainda mais, seria peça de nom pouco valor na construçom dessa disciplina conhecida como Geografia Histórica, de cujas potencialidades de aplicaçom na nossa Terra tem deixado testemunho a obra de Patrick O’Flanagan (1996).

2. Nacionalismo galego e literatura de viagens

Durante o primeiro terço do XIX, em plena ascensom dos movimentos nacionalitários europeus, fôrom diversos os representantes da cultura galega a empreenderem o caminho do velho continente na procura de ampliaçom de conhecimentos e bagagem intelectual com que abordar o seu labor profissional na Terra. Fosse financiados com recursos públicos (caso de Castelao e mais renovadores da plástica galega contemporânea: Colmeiro, Maside, Souto, Torres, Laxeiro...), fosse do seu próprio peto sequera em parte (Otero Pedrayo ou Risco), animava a todos eles em maior ou menor medida umha clara consciência de galegidade que era preciso afirmar, contrastar e enriquecer mediante a sua incardinaçom nas correntes de vanguarda (que tinham na altura a França e Alemanha como referentes de cabeceira) e o diálogo interativo com elas. Umha consciência de galegidade, aliás, especialmente sentida naqueles escritores, artistas, universitários e científicos mormente vencelhados à Geraçom Nós e à praxe do Seminário de Estudos Galegos, isto é, ao nacionalismo galego organizado.

Pois bem, foi neste contexto que se desenvolvêrom os periplos complementares de três figuras do galeguismo num tempo em que –cumpre nom esquecê-lo– se pro-

duziam em paralelo fluídos contactos entre os nacionalistas galegos e os seus homónimos cataláns e bascos (a partir dos encontros que, de 1923 em diante, sentariam as bases do futuro *Galeusca*), continuadores daquela outros entre catalanistas e ocitanistas de inspiração mistraliana dos finais do século XIX (Ventura i Subirats 2006: 30). O primeiro desses periplos, polo interior do país, deu lugar ao livro *Pelerinaxes I* (1929) da autoria de Ramón Otero Pedrayo, considerado modélico do género nas nossas letras. Ora, como queira que esta obra vai ser objeto de análise demorada noutra das sessões destas jornadas, isto deixa-me as mãos livres para poder focar a minha atenção nas outras duas viagens mencionadas e a sua correspondente plasmagem impressa, que são a de Castelão pola França e a Bretanha no início da década de vinte e mais a de Vicente Risco pola Alemanha dos finais da República de Weimar (1930 nomeadamente). Se a primeira se encontra recolhida nos famosos *Diario* de 1921 e no texto *As cruces de Pedra na Bretaña*, na segunda esteve a génese do volume *Mitteleuropa* publicado pola Imprenta Nós de Ángel Casal em 1934. Por mais que posterior cronologicamente, vamos começar por esta última.

Na primavera de 1930, com efeito, Vicente Risco empreende uma viagem de aproximadamente cinco meses por uma Alemanha em que vai tentar achar confirmação tanto da sua pessoal visão de mundo quanto das iniquidades mais pungentes a animar o seu espírito. Por uma parte, e aprioristicamente, o país germânico estende-se aos seus olhos como o mais prometedor da Europa, o único a salvaguardar determinadas essências tradicionais em síntese com energias renovadoras capazes de fazer frente à decadência de Ocidente, tese esta última da que o professor ourensano é firme partidário de uns anos para trás. Por outro lado, é no mesmo coração da velha Europa que Risco experimentará uma sensação se quadra já bem conhecida por ele com anterioridade, a de que «canto mais lonxe un está de Galicia máis galego é» (Risco 1984: 64) à maneira de aviso do que há ser um reencontro consigo mesmo desde uma atalaia diferente e menos gorentadora que à da Terra natal.

Mitteleuropa, testemunho literário desta experiência, é mais que nada «un diario no que o teórico do nacionalismo galego nos vai dando, ademais do relato dos sucesos que viviu, as impresións que estes lle causan e as moitas e orixinais ideas que lle suxíren», segundo se recolhe na apresentação da segunda edição (1984) da obra. Ora bem, um diário em que o autor, aliás, não poupa as reflexões –bem delas de fundo calado– que a evolução do país e das sociedades europeias da contorna lhe provocam. De tal jeito que, a carom da descrição precisa das paisagens urbanas, costumes e psicologia dos alemães; e da narração de acontecimentos e aneddotas, o nosso protagonista intercala com frequência juízos valorativos, comentários, expressões de temores, alegrias e esperanças, como a se servir dessa rica experiência para

aperfeiçoar o seu conhecimento do mundo e a humanidade em volta e tirar conclusões que lhe permitam encarrear a sua trajetória vital polos vieiros mais acaídos na própria terra. Aspeto, este último, nada intrascendente por certo, porquanto risco é um qualificado dirigente do nacionalismo galego e, já que logo, a tal trajetória vital nom se restringe ao estritamente pessoal como tem, ou pode ter, importantes projeções no terreno político na Galiza.

Na realidade, esse balanço de reflexões, de impressões positivas e negativas começa desde o mesmo início da viagem, bem antes da chegada do autor de *Mitteleuropa* a território alemão. Já a sua primeira tomada de contacto com a paisagem castelhana na viagem de trem e, logo a seguir, a contemplação da riola de emigrantes portugueses amareados na alfândega de Hendaia é que lhe servem para deixar constância da conhecida antinómia consubstancial ao nacionalismo galego, Portugal = referente de afirmação-reintegração; Castela = referente de negação-oposição:

Poucos galegos se teñen decatado do que Portugal é para nós. Portugal é a Galicia ceibe e creadora, que levou polo mundo adiante a nosa fala e o noso espírito, e inzou de nomes galegos o mapa do Mundo (...) En efecto: namentres a Galicia Lucense se entregou inerte e esquecida, os bracarenses souberon alongar Galicia deica o Algarbe, sostela independente, e crear novas Galicias na América, na África, na India, na China e na Malasia. Namentres a historia de Galicia lucense é un perpetuo fracaso político, a de Portugal representa o triunfo da Galicia ideal, da Galicia galega, e ten que ser para nós polo tanto un motivo de orgullo e de esperanza. Portugal é algo sagrado para nós, e por iso, a dor de Portugal séntea o galego de sangue no máis íntimo da alma (Risco 1984: 15).

Frente a isto,

Mentres foi Burgos *Caput Castellae*, esta Castela era a Castela fraterna, xenerosa e libre, anovadora e europea que morreu coas comunidades; e cando Madrid e Valladolid decapitaron a castela, foi cando esta fixo calar toda voz que non fose a súa. Castela daquela rematou de crear, e soamente lle quedou expandirse; morreu a epeopea e naceu o imperialismo (Risco 1984: 12).

Imperialismo que nom riqueza material nem espiritual, pois que para Risco é no País Basco que começa Europa, nom antes (Risco 1984:13). E começar Europa significa, naturalmente, modernidade e progreso mas também respeito à tradição em perfeita harmonia com eles. É isto precisamente o que mais impressiona o nosso viajero e o que o empurra a valorizar o povo basco: as cidades modernas, limpas, a extensom da

industrializaçom mesmo à beira dos *caserios* e um agro bem cuidado, ao ponto de desejar que os nossos emigrantes fossem para essas terras, onde tanto poderiam aprender, e nom para América «onde van brutos e voltan parvos» (Risco 1984: 20). E, por se fosse pouco, essa síntese entre tradiçom e modernidade nom deixa de se fazer notar no fator basilar da idiosincrasia de um povo: a língua:s:

[...] tamén en Francia –está a falar dos territórios de Iparralde–, e nunha das súas terras máis cultas e civilizadas, hai quen non sabe falar francés, sen que isto lle sexa un estorbo para vivir, e incluso pode haber un alcalde que fala melloe unha lingua extranxeira que non a lingua oficial do Estado (Risco 1984: 38).

Como isto é umha liçom para os galegos! «Se isto non nos ensina algo é que somos parvos» (Risco 1984: 38). Até a Igreja, a tam prezada instituiçom para Risco é, por assim dizermos, nacional: «Os cregos levan traxe talar e babeiro. Predican en vasco e ás veces repiten en francés» (Risco 1984: 17).

Umha impressom similar levará posteriormente o viageiro em Bélgica:

Todo enteiramente industrializado, mas amostrando esa alianza da tradición co progreso xa observada no País Vasco, coa conservaci3n de todo o que é típico e diferencial, sen absurdos mimetismos, o cal indica a outa idea de si mesmos que teñen estes pobos, idea na que pende a súa grandeza (Risco 1984: 57).

França, polo contrário, e París em particular, representa umha outra cousa; simboliza a decadência:

París chegou a causar na xente a fatiga da repetición constante e reiterada e insistida; chegou á vulgaridade; esta parte, que sen dúbida é a máis monumental perdeu toda importancia porque non pode sorprender a ninguén. E así con tódalas outras cousas: París fartou ao mundo» (Risco 1984: 47).

Essa decadência de reminiscências spenglerianas que, a juízo do ourensano, está a afetar de modo fatal a sociedade internacional –leia-se ocidental– moderna:

A min, tódalas creaci3ns de valor internacional do noso tempo: Sociedade das Nacións, Oficina Internacional de Traballo, Instituto de cooperaci3n intelectual, etc., etc., parécenme novas manifestaci3ns da megalomanía, do delirio de grandezas do home occidental moderno, chegado a un punto adiantadísimo de senilidade e de decadencia (Risco 1984: 288).

É face a este declínio da civilizaçom que Alemanha se ergue como possível dique de contençom ou alternativa de futuro. Sociedade perfeita?. Abofé que nom. A Risco provoca grande desacougo, antes de mais nada, o comunismo que nesse país inça a olhos vistos, com as suas demonstraçons públicas e desfiles de masas mesmo com enquadramento para-militar. Um desacougo tanto maior, aliás, porquanto os seus amigos galegos residentes em Berlim, Lois Tobío e Felipe Fernández Armesto, se amosttram simpatizantes, ou ao menos nom hostis, com a devandita corrente política (Risco 1984: 96-97) cujas perspectivas de triunfo parecen certas. Seja como for, a contemplaçom de tudo isto avivecerá em Risco umhas prevençons face à doutrina marxista há tempo adquiridas, mas que agora saem de novo à tona sob forma de reflexons breves inseridas no seu diário (Risco 1984: 113 e 274). Velaí, como botom de mostra:

Alemania está saturada de marxismo. O marxismo aquí xa manda, goberna, insúrtese, revolve, coacciona, chantaxea, propágase, adoutrina, educa, ensina, socializa, poetiza, cientifiza, explana, presuposta, edita, publica, mina, fura, desfai, imponse, domina e señoorea. Non sei se non terá chegado xa ao máximo da súa curva ascendente; é de temer para el que si, e pobre da alemania se así non é (Risco 1984: 274).

Non é tan negativa, porém, a impressom que lhe causa o emergente –e daquela já bem visível– nacional-socialismo. Antes ao contrário, o polígrafo ourensano vê nele a encarnaçom de umha possível superaçom tanto do comunismo quanto do capitalismo de matriz liberal-burguesa, dous modelos sociais –com cadanseus sistemas de valores– face aos que, como é sabido, Risco nom amostrava o menor apreço. Vejamos a caracterizaçom do nazismo que lhe é ofrecida polos seus amigos e que ele recolhe em *Mitteleuropa*:

Os nacional-socialistas, son todos eles pequenos empregados, estudantes, clase media burguesa, a cal, apretada dunha beira polo comunismo e doutra pola aristocracia, especialmente a do diñeiro, atopan unha saída no racismo. É nacional-socialista o que non pode ser comunista nin nacionalista da dereita. Son pequenos burgueses, e por iso son antisemitas, porque os xudeus son aquí os sonos do diñeiro, e anticapitalistas. O nacional-socialismo é a defensa natural do pequeno-burgués, que non pode vivir... (Risco 1984: 112).

Certamente, nom temos motivos para pensar que Risco se identificasse com umha consciência pequeno-burguesa, mas semelha lógico umha doutrina altamente detratadora daquilo que ele mesmo despreza lhe resultar atrativa. Ítem mais, na medida em que o nacional-socialismo se opom a capitalistas e proletários com consciência de classe –quer dizer, aos dous polos da *degenerada* sociedade burguesa– fica o campo livre

para umha frutífera aliança daquele com determinados segmentos *sans* da sociedade alemá, que nom som outros, nom podem ser outros, que os integrados na velha aristocrácia de sangue. E eis que aquí chegados, o nosso protagonista nom pode mais que acrescentar a sua simpatia polos seguidores da cruz gamada. Porquê? Pois porque, simplesmente, essa aristocrácia de sangue –daí a pouco representada no estado hitleriano polo exército prussiano, em íntima avença com o fūrher– personifica nem mais nem menos que os valores mais caros a Risco: os da elite *natural* destinada de seu a exercer como classe reitora de qualquer sociedade. E a proclividade dos nazis a um entendimento com ela frente aos demais setores sociais nom lhe passa inadvertida. As reflexons vertidas no diário deixan poucas dúvidas:

A nobreza é sempre a nobreza. Observade que as clases sociais que hoxe teñen o poder no mundo, a clase capitalista e a clase obreira, non teñen nin conciben máis que ideas e intereses de clase e son incapaces de erguérense por riba deses ideais e deses intereses; son clases egoístas, materialistas, que viven, pensan e senten rente ao chan. En troques a antiga clase señorial, a nobreza, onde non está dexenerada, ten aínda hoxe un ideal colectivo superior, que non é dela, senón da comunidade, e aínda é capaz de ir por el ao sacrificio anque sexa dos seus propis intereses. E tamén a clase media, [*note-se a oportuna apreciación*] sen ter un ideal colectivo común, acolle e serve con desprendemento, ideais que non son os suxeridos pola súa comenencia. Mais é que a clase media foi en case todos lados criada na imitanza da conducta señorial e nobre» (Risco 1984: 133-34).

[...] As aristocracias de sangue posúen un prestixio natural; a xente instintivamente recoñécellelo, séntese inmediatamente levada ao respecto diante delas. Proba de que a superioridade do sangue é unhaverdadeira superioridade real e positiva, descansa en algo certo, en algo de evidencia que non pode ser destruída (...) Porque é unha superioridade de orde vital. En troques a do diñeiro, non; a do diñeiro polo xeral, irrita e al'poriza á xente, cun instinto que se revolve decote contra dos señores improvisados (Risco, 1984: 277).

Pensamento novidoso em Risco, adquirido ao calor do choque com a realidade alemá de 1930? Abofé que nom. Na realidade, as linhas precedentes é à tese de fundo da novela *O Porco de Pé* que nos remetem: aos preconceitos anti-burgueses, ao se agarrar aos valores de um mundo em transe de desaparición, o da fidalguia do antigo Regime, com o que o autor, no fundo, se sente identificado. Nada mais concorde com os postulados da vertente neo-tradicionalista do nacionalismo galego (Beramendi 2007: 524) que Risco representa. É a elite aristocrática quanda as classes médias (mormente as intelectuais) alemás, portanto, que pode regenerar a civilizaçom ocidental.

Nom por acaso, o pensamento do dirigente nacionalista –na altura um homem maduro– está plenamente conformado com anterioridade a esta viagem. A utilidade desta, ao cabo, nom foi lhe descobrir novas Itacas, por parafasearmos Kavafis, mas a própria viagem em que, para além de confirmar e reafirmar o já assumido, o viageiro Risco se reencontra consigo mesmo, redimensiona e atualiza o seu universo de valores.

Vaiamos agora com Castelao. Mais ou menos pola mesma altura que o seu correligionário ourensano, ou um pouco antes, o rianjeiro viajou durante quatro meses por terras da Bretanha na procura de paralelismos artísticos entre ela e a Galiza, para melhor alicerçar os seus estudos acerca da plástica galega dos cruzeiros. Fruto desta experiência é a brochura *As cruces de Pedra na Bretaña* em que recolhe –som as suas próprias palavras– «o resultado de catro meses de pelerinaxe polos camiños da vella Armórica» (Castelao 1982b: 379) à cata de monumentos em pedra, elemento comum a interrelacionar ambas as duas culturas.

As Cruces..., tal como o *Diario* de 1921 a que mais tarde farei referência, nom é propriamente texto concebido como literatura de viagens, mas como um dietário a efeitos de organização pessoal do trabalho do artista. Porém, o facto de ter sido publicado polo Seminário de Estudos Galegos em 1939 e a sua mesma fasquia interna é que lhe conferem um certo carimbo em tal sentido, mália que restringido ao terreno estritamente artístico. Nas suas páginas, profusamente ilustradas, tenhem cabida nom apenas a descriçom de cruzeiros, púlpitos, calvários, cruces primitivas e megalitos cristianizados, mas também as impressons que tais frutos criativos inspirárom ao artista-viageiro. Nom merece a pena reproduzirmo-las aquí. É muito mais útil remitirmos diretamente o leitor à consulta do original, de resto bastante breve no tocante a extensom.

Mais pluridimensional e rico em apreciaçons subjetivas do autor é o *Diario* de 1921, conjunto de anotaçons e reflexons de Castelao com o galho da sua estadia em terras da França, Países Baixos e Alemanha com cargo a umha bolsa da Junta de Ampliación de Estudios, se bem que tampouco em puridade um texto enquadrável no convencionalmente entendido por literatura de viagens –mais umha vez esta limitaçom, da que sei que nom damos safado!!– salvo por analogia⁴.

⁴ Tudo parece indicar que o *Diario* nom estava originalmente pensado para ser publicado, embora acabassepor sê-lo, prévia reelaboraçom, na revista *Nós*, em várias entregas ao longo de 1922 e 1923.

Aos efeitos do que aquí nos interessa, o mais rechamante da obra talvez seja a intencionalidade expressa da aprendizagem a dar sentido à viagem, elemento comum às *Cruces...* e que também víamos em Risco. Com efeito, o que Castelao procura é mergulhar nas vanguardas artísticas do seu tempo para melhor aplicar as suas qualidades de artista à construçom de umha arte nacional galega. Conseguiu-no realmente? Em boa medida sim, ainda que de um jeito se quadra bem diferente do esperado. Para começar, Paris, noutrora meca dos artistas, causa-lhe umha pobre impressom, muito similar à do seu compatriota Risco: «París e triste. Tamén é triste que os que viven ista vida non se decaten da súa tristura» (Castelao 1982a: 14). Decepçom que se fai estensível às auto-proclamadas vanguardas: «Verdadeiramente o *arte novo* en París está dirixido polo xenio do absurdo; arrédase do sentido común pra cair na decadencia evidente» (Castelao 1982a: 26).

Só nos criadores rusos (da Rússia soviética) e até certo ponto em Picasso é que encontrará um certo acougo (Castelao 1982a: 23-24 e 27). Afinal, concluirá enfasiado, «París é o Madrid do mundo. O que me parece Madrid como galego, pareceumo París como home» (Castelao 1982a: 28). O mau é que tampouco na Alemanha e Bélxica –agás na comtemplaçom das tábuas dos Van Eyck– a impressom é melhor: «Deixo Berlín sen migalla de de sentimento. Non levo na memoria nin malas nin boas lembranzas» (Castelao 1982a: 41).

Assim e tudo, decepçom e escassa ou nula sintonia com umhas vanguardas que nom compreende, ou nom lhe convencem, que nom empecem em última instância a aprendizagem, alvo fulcral da viagem: «Dependín moito en París sen perder unha migalla tan siquera das miñas ideas. O esquelete do meu arte ganhará moito con este viaxe» (Castelao 1982a: 26). Só resta o regresso à Galiza, munido com a bagagem da experiéncia, para abordar esperançado a tarefa que, polo sim ou polo nom, fica pendente:

Xa me vou prá miña terra. Alí todo estará por faguer; mais alí non está esgotada ningunha posibilidade. Galiza pode sere o que foi e aínda máis do que ten sido. Todo depende da vontade dos seus fillos (Castelao 1982a: 52).

3. Conclusom

Em resumidas contas, e numha tentativa de síntese do visto até aquí, achamos no nacionalismo galego do primeiro terço do século XX umha conceiçom do viajar bem diferente a aquela que inspirara boa parte da literatura de viagens do período prece-

dente. Face à *viagem-apropriação*, entendida como conhecimento para umha mais efetiva dominação do *outro*, eis que se ergue umha *viagem-aprendizagem* orientada a um melhor conhecimento de si mesmo e das potencialidades de um interrelacionamento igualitário entre os povos e as culturas. A este respeito, tanto as *Pelerinaxes* de Otero quanto as obras de Risco e Castelao arriba resenhadas constituem perfeitos exemplos do que M^a Pilar García Negro tem denominado, noutra das mesas redondas deste curso, viagem centrípeta, quer dizer, virada para a redescoberta da idiossincrasia própria. Nada que nos cause estranheza, por outra parte, levando em conta a máxima a presidir o programa político-cultural do galeguismo da pré-guerra: fazer da Galiza umha célula de universalidade.

E já que de viagens e nacionalismos estamos a falar, permitam-me concluir com umha reflexom *presentista* ao fio do que venho de expor. Nom é raro ouvirmos dos detratores dos nacionalismos libertadores aquilo de «o nacionalismo é umha enfermidade que se cura viajando». Pois bem, à vista do aquí referido e da minha relativamente dilatada experiência como viajero, dir-se-ia que acontece mais bem o contrário: quanto mais viajado é o/a nacionalista, quanto mais conhece outras culturas, melhor calibra e valoriza a própria. Só aqueles dogmáticos adoentados, investidos de patológicas pretensons de superioridade ou eternos adoradores do seu embigo, junto com os acomplexados irremediáveis de que tantas mostras temos, infelizmente, no país é que nom se decatam da imensa riqueza subjacente a todas as culturas do mundo. Som eles que o perdem.

Referências bibliográficas

Beramendi, J. G. (1997): *De provincia a nación. Historia do galeguismo político* (Vigo: Xerais).

Borrow, G. (1993): *Viaxes por Galicia* (Vigo: Xerais).

Castelao, A. R. (1982a) [1922]: «Do meu diario», em *Obra Completa*, Vol. 3, 7-374 (Madrid, Akal).

Castelao, A. R. (1982b) [1930]: «As cruces de pedra na Bretaña», em *Obra Completa*. Vol. 3, 377-459 (Madrid, Akal).

Castelao, A. R. (1986) [1977]: *Diario 1921* (Pontevedra: Deputación Provincial).

López Sáñez, M. (2008): *Paisaxe e nación. A creación discursiva do territorio* (Vigo: Galaxia).

O'Flanagan, P. (1996): *Geografía Histórica de Galicia* (Vigo: Xerais).

Otero Pedrayo, R. (1929): *Pelerinaxes I* (A Coruña: Nós).

Risco, V. (1984) [1934]: *Mitteleuropa* (Vigo: Galaxia).

Ventura i Subirats, J. (2006): *Seis rostros do nacionalismo en Europa* (Santiago: Laidvento).